# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semestre — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º Á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas, (idem)..... | 4$000 | 2$000 | -$- | -$- |
| Estrangeiro (união geral dos correios). | 5$000 | 2$500 | -$- | -$- |
| Brazil (moeda fraca)..... | 15$000 | 7$500 | -$- | -$- |

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 103

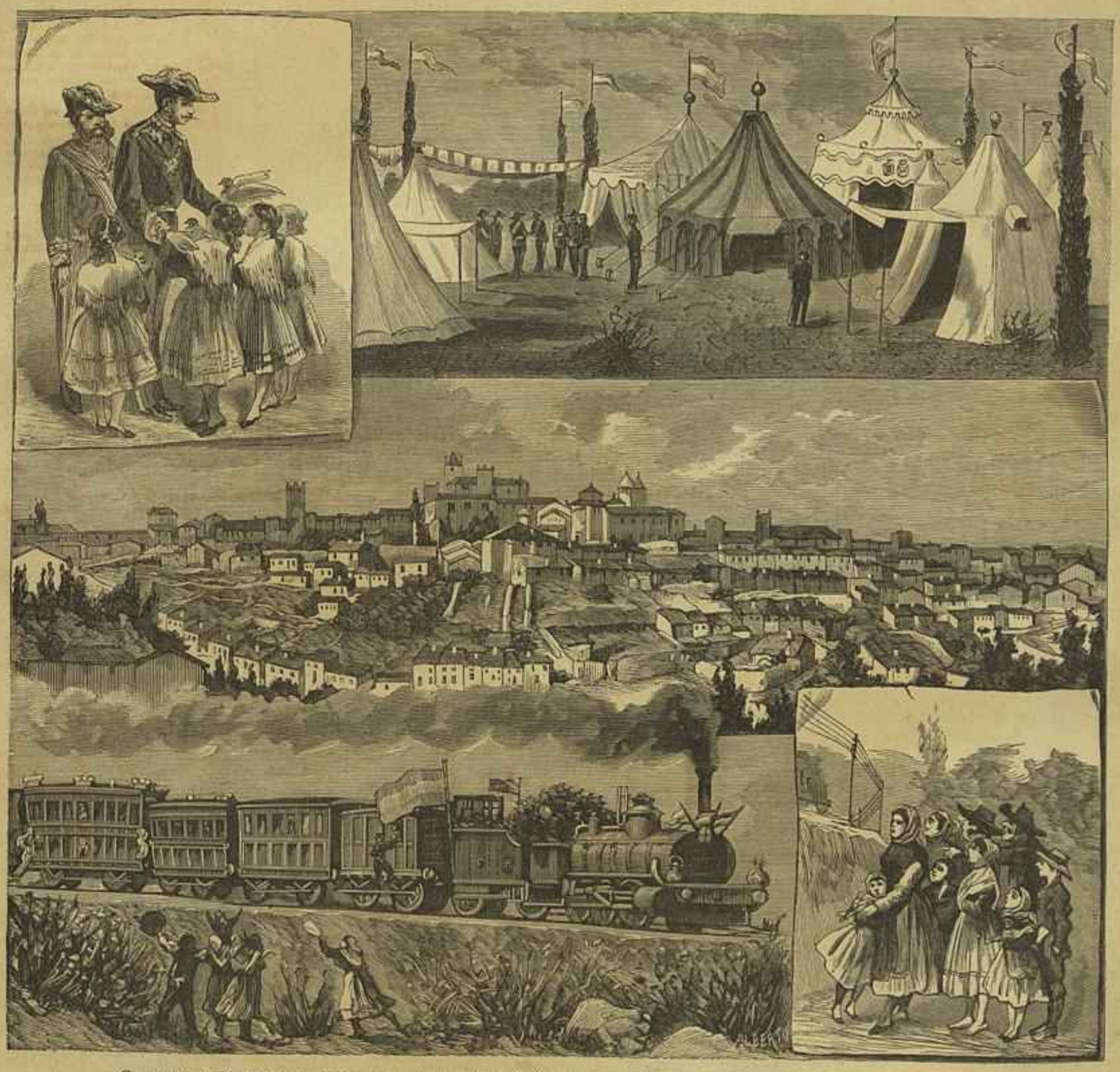
1 DE NOVEMBRO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

CREANÇAS DE VALENCIA DE ALCANTARA APRESENTANDO D. AFFONSO XII — ACAMPAMENTO REAL EM VALENCIA DE ALCANTARA
VISTA DE CACERES — COMBOIO REAL — HABITANTES DE HERRERUELA

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DIRECTO DE MADRID Á FRONTEIRA DE PORTUGAL, 8 DE OUTUBRO DE 1881

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, Gervasio Lobato — O terramoto de Lisboa no 1.º de novembro de 1755, Brito Rebello — As nossas gravuras — Largo da Alfandega e ponte em Moçambique, Augusto de Castilho — Progressos da Telegraphia — A edição dos Lusiadas de Emilio Biel.

**GRAVURAS.** — Inauguração do Caminho de Ferro Directo de Madrid á Fronteira de Portugal — Conselheiro Manuel Fuarque de Macedo, Ministro de Estado do Brasil — General José Maria de Pina — Africa Portugueza, Moçambique, Largo da Alfandega e ponte — Lisboa, Cemiterio Occidental — Oliveira de Azemeis, Egreja Matriz — Enigma.

# CHRONICA OCCIDENTAL

Envergonhamo nos realmente de ter de fallar todos os dias no theatro de S. Carlos e de lhe darmos o logar de honra na nossa chronica. Mas não podemos furtar-nos a isso desde o momento em que o paiz lhe dá o logar de honra nas suas attenções, ao mesmo tempo que não nos fornece assumptos de mais alcance e de maior importancia.

Vamos, pois, envergonhados, tornar a fallar em S. Carlos.

A empreza comprehendeu finalmente que o publico queria ver no theatro de S. Carlos alguma coisa mais que o olhar severo do sr. Arrobas, e os bigodes e peras dos policias disfarçados, plantados pelas cadeiras e pela geral, e como a intenção do paiz, subsidiando o theatro lyrico, e a do publico, pagando os seus logares, não é precisamente a de ter ali, no vasto theatro da rua Nova dos Martyres, uma vasta exhibição de forças policiaes, o sr. Freitas Brito resolveu-se a escripturar uma artista a valer, que lhe custa mais caro seguramente que os logares fornecidos ao pessoal de todas as esquadras policiaes de Lisboa, mas que, em compensação lhe dará mais entrada de porta que as paradas policiaes que ali, durante este mez, tem substituido os espectaculos lyricos.

Essa artista, escripturada simplesmente para um numero restricto de operas, é a sr.ª Bianca Donadio uma cantora formosa e famosa que ha dois annos o publico applaudio muito nos concertos do Colyseu de Lisboa, pseudonymo que tomou cautelosamente o circo de Price, quando, em vez de clowns e de *voltigeuses*, de homens de força e de cavallos intelligentes, passou a apresentar ao publico lisboeta Sarazates, Essipoffs, Donadios, e Bretons.

Portanto sabia-se já em Lisboa que a sr.ª Donadio, tinha uma explendida voz, um bello methodo de canto, uma garganta privilegiada para as difficuldades rendilhadas das *fioritures*, mas o que se não sabia era se ella teria os recursos scenicos necessarios para ser uma boa cantora de opera, como era uma magnifica cantora de concerto.

O publico foi ver isso na primeira noite do *Barbeiro de Sevilha*, e verificou, com os seus applausos, que a formosa artista tinha esses dotes, e que não foi sem muito bom senso artistico que o fogo a poupou no theatro de Nice.

A sr.ª Donadio cantou e representou muito bem a parte de Rosina da velha partitura de Rossini, e as variações que cantou na *licção* do 2.º acto accordaram uma d'essas estrepitosas e enthusiasticas ovações a que é completamente alheia a policia civil, e que dormiam a somno solto desde que a sr.ª Borghi-Mamo desappareceu do palco de S. Carlos.

O tenor Deliliers, que se estreiou juntamente com a sr.ª Donadio, tem uma voz pequenina mas agradavel, sabe cantar muito bem, é um artista fino, que conhece os perigos a que o expõe constantemente a sua falta de voz, e que sabe rodeal-os, habilmente, fazendo com que todos o applaudam justamente nos momentos em que todos julgavam que o iam patear.

Os outros artistas que desempenhavam a opera de Rossini foram muito mediocres.

— O theatro de D. Maria, como os da Trindade e Gymnasio, achou tambem o seu *successo* theatral com a peça de Dumas filho. A *Princeza de Bagdad*, essa peça que na 1.ª noite produziu no theatro Francez um *charivari*, dos taes que nunca ha lá fóra, como é costume dizer-se em Lisboa, e que tendo muitos defeitos, tem a resgatal os as qualidades possantes de dialogador de Dumas filho, qualidades perigosas que fazem parecer obras primas os maiores absurdos, e as mais aleijadas concepções artisticas.

A peça, traduzida primorosamente pelo sr. Moura Cabral, um escriptor delicadissimo que os leitores do Occidente tem já tido occasião de apreciar na nossa folha, teve um excellente desempenho pelos artistas de D. Maria, e perfeitamente excepcional pela actriz Virginia que foi assombrosa de talento na grande scena final do 2.º acto.

Depois de ter dado ao theatro portuguez as mais deliciosas creações de *ingenua*, a actriz Virginia passou agora por uma transição felicissima para os *premiers roles* e essa falta que havia no pessoal dos nossos theatros, e que se sentia tão claramente nos dramas representados n'estes ultimos annos, começou a desapparecer quando Virginia fez a sua explendida creação da duqueza de Septmons na *Estrangeira*, e desappareceu agora de todo com a maneira extraordinaria porque é desempenhado o papel de *Lionnette*, que nem mesmo nos tempos aureos antigos do theatro portuguez teria actriz que melhor o vivesse em scena.

A *Princeza de Bagdad* foi um triumpho notavel para a notavel actriz, e os grandes papeis do repertorio francez, que até hoje não tinham quem os fizesse em Portugal, acharam agora uma interprete brilhante e gloriosa.

— Em quanto Lisboa se preoccupa com os seus theatros, e trata da arte lyrica e da arte dramatica, esperando, para tratar da arte ornamental, a proxima abertura da exposição extraordinaria que se deve effectuar no mez proximo com a assistencia do rei de Hespanha, o Porto inaugurou no dia 16, no Palacio de Crystal, uma exposição de historia natural, pensionada pela sociedade de Instrucção do Porto, e que nos dizem ser interessantissima.

A exposição occupa duas salas ao rez-do-chão — a sala dos bilhares e a da leitura — e uma no primeiro andar, a de bellas-artes, e é rica em productos zoologicos, mineralogicos, botanicos e geologicos, distinguindo-se entre todos, os expostos pelo sr. Augusto Luso, professor do lyceu do Porto.

Os exemplares de geologia agricola, de mineralogia, de paleontologia, de botanica, de entomologia agricola, de crystallographia e de conchiologia expostos pelo collegio Pestalozzi, são tambem muito notaveis.

Na sessão da abertura, o discurso inaugural foi pronunciado pelo sr. dr. A. F. Ferreira da Silva, director da secção de sciencias naturaes da sociedade promotora da exposição.

A exposição tem sido muito concorrida.

— Em Lisboa houve tambem uma pequenina exposição especial de piscicultura, que tem feito sensação... na rua do Ouro: uma exposição publica, n'uma loja da India, de peixes formosissimos, que rivalisam, em belleza, com tudo o que temos visto de mais delicado em aves!

Nunca imaginámos que, n'este genero de peixes de aquarios de sala, podéssem haver exemplares tão bellos.

Nos leques chinezes apparecem ás vezes pintados uns peixes phantasticos, das côres mais extraordinarias, que parecem ser filhos da imaginação chineza.

Pois, os peixes que estão em exposição e em venda na rua do Ouro, excedem as imaginações chinezas. São positivamente um encanto; uns parecem de veludo, outros de rubis, outros de saphyras: fogem perfeitamente á discripção. E' verdade que o seu preço foge tambem aos usos do mercado portuguez, e tem assustado muita gente. Ha casaes que custam uma libra. Ora, nós, comparando esses peixes com uns passarinhos da Africa e do Brazil, que se vendem ahi a 10 e 20 mil reis, achamos baratissimos os peixes.

Entretanto, concordamos que ha pescadas, pargos, e linguados muito mais baratos.

— No tribunal da Boa Hora, houve na semana passada dois julgamentos curiosos: o julgamento de dois homens de letras querellados pelo sr. governador civil, um por causa d'um soneto — o sr. Gomes Leal, outro por causa d'uma noticia publicada no jornal o *Mandarim*, o sr. Barros Lobo.

O interrogatorio dos dois reus foi interessante.

O sr. Gomes Leal declarou que fizera o soneto na intenção de metter a ridiculo o sr. conselheiro Arrobas, mas que sempre esperára que o sr. Arrobas se lhe quizesse responder, não lhe respondesse com uma querella, mas sim com um soneto, armas eguaes.

O sr. Barros Lobo, interrogado pelo sr. juiz sobre umas reticencias que poz na sua noticia ácerca do sr. governador civil, explicou que essas reticencias substituiam um segredo que não tinha ouvido.

— Não ouviu?

— Não senhor.

— Mas o senhor declara na noticia que o ambiente ficou mudo de assombro. Como explica isso?

— E' que o ambiente ouviu e eu não. Tenho o ouvido mais duro que o ambiente.

O sr. juiz condemnou no primeiro julgamento o sr. Gomes Leal a oito dias de Limoeiro — querem por força fazel-o Torcato Tasso: e no segundo, absolveu o sr. Barros Lobo e condemnou o sr. governador civil nas custas do processo.

É curioso pois não é!

Ai! que se eu soubesse compor musica, como enriqueceria, e como enriqueceria a empreza da Trindade.

— A fatalidade obriga-nos a envergonhar-nos no fim d'esta chronica como nos envergonhámos no principio: isto é a fallar de S. Carlos.

Depois de escripta esta chronica, cantou-se o *Roberto do Diabo*. A magnifica partitura de Meyerbeer pareceu uma massada monstruosa ao publico: imaginem que tal foi o desempenho. Foi tal, que apesar da platéa estar cheia de policia os espectadores esqueceram-se do Limoeiro para só se lembrarem que tinham ouvidos e pés. E' um espectaculo perigoso este *Roberto*, e quem conciliar o amor da boa musica com o da liberdade não vá lá.

Gervasio Lobato.

# O TERREMOTO DE LISBOA

NO 1.º DE NOVEMBRO DE 1755

Faz hoje cento e vinte e seis annos, que Portugal, e principalmente Lisboa, soffreram uma das maiores commoções e cataclismos de que a historia faz menção.

Decahida já bastante da grandeza com que no seculo XVI se ostentava como princeza dos mares, ainda os restos do imperio da Asia, as possessões da Africa e acima de tudo as colonias do Brazil, traziam ao Tejo feudos, cabedaes e povoação em tal magnitude, que faziam considerar Lisboa como a terceira cidade da Europa, contando-se, como ainda hoje, Londres a primeira, Paris a segunda.

Não pretendemos historiar todas as peripecias d'aquelle dia tormentosissimo, nem ainda referir, ou sequer enumerar as perdas em edificios, preciosidades artisticas, litterarias, archeologicas, scientificas e em vidas que a nossa bella capital n'elle soffreu, mas apenas apresentar aos nossos leitores um ou dois quadros traçados por testemunhas occulares, já como pacientes d'aquella enorme catastrophe, já como visitantes das ruinas por ella produzidas, e que são desconhecidos da maior parte dos leitores.

O primeiro é traçado por um joven inglez de appelido Chase, nascido em Lisboa, e que n'ella se achava e soffreu em tão memoravel dia, e enviado poucos dias depois em carta escripta a sua mãe. Esta carta communicada aos redactores do *Quarterly Review*, foi por elles publicada em extracto; julgando-nos assaz feliz por nos terem dado conhecimento d'ella,

para a podermos traduzir e transmittir aos nossos leitores.

Eis a carta do sr. Chase: —

«Quasi tres quartos depois das nove horas da manhã de sabbado, dia em que completava os meus vinte e seis annos, estava eu na mesma casa em que nasci, no meu aposento, situado no quarto andar d'ella, quando ao abrir uma papeleira, senti um abalo que reconheci immediatamente ser um terremoto, brando ao principio, mas que augmentando gradualmente de violencia, me sobresaltou por tal modo, que voltando-me para olhar pela janella, me parecia que os vidros caiam.

«Surprehendido pela continuação do tremor, recordando-me immediatamente dos desgraçados acontecimentos de Callao, nas Indias Occidentaes Hespanholas, pensei que o mesmo ia succeder então; lembrando-me ao mesmo tempo que a nossa casa era velha e fraca, que qualquer carro pesado ao passar a fazia estremecer d'alto a baixo, corri immediatamente para o eirado.[1]

«Esta divisão, como é de uso em muitas casas, consta de um simples quarto no alto da casa, com janellas á roda do tecto, sustentada por pilares de pedra. Ficava apenas um andar superior ao meu quarto, dominando o panorama da cidade desde o palacio real até o Castello.

«Eu estava ancioso por vêr se as casas visinhas eram agitadas com egual violencia. Mal tinha chegado ao cimo da escada, quando a meus olhos appareceu o mais horrendo espectaculo.

«A casa começava a balouçar de tal modo, que para evitar o cahir vi-me forçado a lançar um braço de fóra da janella para me segurar á parede. As pedras d'estas ao separar-se roçando umas pelas outras, assim como as das outras casas com variados movimentos, faziam o ruido mais espantoso que jámais os meus ouvidos tinham percebido. A parede proxima da sala do sr. Goddard cahiu primeiro, seguida immediatamente por toda a parte superior da casa, e assim todas as mais que eu avistava até o castello. Então, voltando-me para o lado da frente do eirado, descobri toda a cidade derribada; vi ainda os topos dos dois pilares chocarem se, e não vi mais nada. Estava resolvido a atirar-me ao chão, mas supponho que não pude, porque me senti ir escorregando.

«Achei me, quanto tempo depois não sei dizer, exactamente como se tivesse despertado de um sonho com as idéas confusas, tendo a bocca entupida por alguma coisa, que procurei tirar com a mão esquerda, que me não deixava respirar livremente, mas taes esforços fiz que a minha cabeça ficou inteiramente livre das caliças. Passado isto, voltei a mim e recordando-me do que tinha acontecido, suppuz que o terremoto teria acabado, e por aquillo que eu tinha tão largamente visto, julguei que a cidade estaria completamente arrasada, e eu no cimo das ruinas.

«Olhando então á roda percebi que havia quatro paredes que se elevavam cerca de cincoenta pés acima de mim. O logar onde jazia tinha proximamente dez pés de comprido por dois de largo, não descobrindo porta nem janella em nenhuma das paredes. Extremamente admirado, lembrei-me de que havia um vão entre as casas. Não tendo visto cahir as partes mais altas dos dois predios, conclui que todos os habitantes deviam ter ficado sepultados, ou ao menos não entrevi nenhuma probabilidade de que se desembaraçassem a tempo de me poderem prestar soccorro. Assim tomado de terror, pelo horroroso pensamento de estar exposto a morrer de similhante maneira, fiquei estupefacto, até que o ruido da queda das telhas e caliças me fez procurar abrigo, sob um pequeno arco na parede proxima, opposta á minha cabeça.

«Estando assim, deparou-se-me um pequeno buraco que atravessava a parede de lado a lado. Tendo-me aproximado com difficuldade, arrastando-me para fóra dos entulhos, reconheci que aquelle era muito maior do que suppunha, e introduzindo primeiro a cabeça e um braço e depois pouco a pouco o corpo todo, cahi para um recinto abobadado, dois pés mais baixo, que suppuz ser o sustentaculo das duas paredes. Então, apalpando á roda, encontrei a um lado um pequeno corredor que circumdando uma peça similhante a um forno, me guiou a um pequeno aposento onde estava um portuguez coberto de pó. Este ao vêr-me apparecer n'aquelle estado, recuou assustado benzendo se e exclamou, como é natural em occasião de grande surpreza: Jesus, Maria, José! quem sois vós?! Como vindes d'ahi?!

«Logo que satisfiz á sua pergunta ajudou me a assentar n'uma cadeira. Em seguida juntando as mãos, ergueu as e os olhos ao tecto, demonstrando a maior afflicção e desalento. Depois d'isto examinei-me a mim proprio, o que até então não tinha podido fazer.

«O meu braço direito cahia pesado e como morto; o hombro estava descarnado e o osso quebrado; as meias estavam despedaçadas e as pernas cobertas de feridas; o tornozello direito, extraordinariamente inchado e um jorro de sangue esguichando d'elle; o joelho tambem muito contundido. A parte esquerda do tronco amolgada de modo que eu só podia respirar com difficuldade; a cara estava inchada, esfolada e escorrendo em sangue, com uma grande ferida por cima e outra por baixo do olho; muitas contusões cobriam o nariz e a cabeça.

«Mal tinha tido tempo de reparar no lastimoso estado em que me achava, quando sobreveio um abalo mais ameaçador que o primeiro. O pobre homem deitou a correr pela porta fóra. A violencia do tremor, junto ao cahir das casas e clamores do povo, moveram-me a procurar de novo abrigo na abobada, sob que eu tinha estado, esperando a todo momento que ella abatesse; mas voltando d'ali pouco depois e não apparecendo ninguem, saí pela mesma porta, por onde vira sair o homem, na esperança de o encontrar outra vez, ou alguma outra pessoa. Agora em vez de um quarto, como eu esperava dei n'um vão de escada, com um pequeno lanço para um lado, e descendo por outro lanço, encontrei-me, com a maior surpreza, na rua, não tendo suspeitado achar-me tão perto d'ella.

«O povo estava todo em orações coberto de pó, e a claridade que se via era a de um dia escurissimo.

«Animado pela doce illusão de que as pernas tivessem vigor sufficiente para me levarem até á praia voltei-me e vi uma rua inferior. Era esta muito estreita, entulhada com as ruinas das casas cahidas, que se elevavam á altura das que haviam ficado em pé. Esperando poder alcançar os campos, avancei alguns passos pela ladeira, encontrando o mesmo espectaculo por toda a parte, e n'uma rua á direita não vi outra coisa.

«Não sabendo que fazer e faltando-me as forças, cahi prostrado, justamente n'um sitio onde desembocavam tres ruas.»

— Em occasião de tanto risco, quando todos olhavam só o seu perigo e procuravam salvar-se, o sr. Chase deveu a sua salvação a um visinho, João Ernesto Forg, negociante de Hamburgo, pelo qual foi d'alli removido depois de algum tempo para uma casa que tinha resistido ao terremoto, e deitado n'uma cama, sendo-lhe as feridas pensadas por um cirurgião. Havia porem pouco tempo que estava deitado quando outro tremor, «tendo coberto a cama de caliça e pó, me fez cobrir os olhos com o braço esquerdo, esperando em breve ser aliviado de novas miserias.»

«Em seguida chegaram novas de que a cidade estava a arder por varias partes.

«Toda a tarde me occupei fazendo as mais melancolicas reflexões, emquanto as chammas se desenvolviam com inexprimivel rapidez ao alcance da minha vista, até perto das cinco horas em que pareceram approximar-se do quarto onde eu jazia.»

— Uma angustia se apoderou então d'elle, suppondo que tinha sido deixado só na casa, e que os seus amigos o haviam abandonado; porém tendo com grande difficuldade, para o seu estado de fraqueza, conseguido abrir a porta, encontrou-os silenciosos, assentados á roda da sala exterior.

«Eu roguei ao sr. Forg, com as lagrimas nos olhos, como um grande favor, que antes de se ver obrigado a deixar a sua casa, me atirasse pela varanda fóra, ou por qualquer outro modo acabasse comigo, mas não me deixasse em tão violenta agonia, pois receiava em pouco tempo acabar por uma morte mais afflictiva.

«Pediu-me elle que não lhe fallasse d'aquella maneira, assegurando-me com toda a amabilidade, que nunca tivera a idea de me abandonar, e que se não houvesse outro auxilio, elle mesmo me levaria ás costas, e ambos correriamos o risco juntamente; que ainda não estavamos cercados pelo fogo e havia ainda passagem livre.»

— Por favor de tão amavel guia, foi conduzido por entre casas cahidas, durante abalos que se repetiam constantemente, passando ruas, parte entulhadas pelas ruinas, parte presa das chammas, até a larga praça em frente do palacio, onde grande numero de fugitivos se haviam já refugiado, com alfaias e outros objectos que tinham podido salvar em trouxas.

«Achei-me pois, bem longe do que eu esperava, repentinamente desopprimido da constante apprehensão da queda das casas e perigo do fogo, como tinha imaginado quando estava no maior desespero, e havia perdido todas as esperanças de algum soccorro, animando-me a tal ponto, que, então, pela primeira vez, apesar do grande soffrimento em que estava, comecei a esperar que era possivel ainda viver, até que novos receios occuparam os meus pensamentos.

«Porque o povo possuido da idea de que era o dia de juizo, e querendo-se antes empregar em obras pias, tinha-se sobrecarregado de crucifixos e santos, e tanto os homens como as mulheres, durante os intervallos dos tremores entoavam ladainhas, ou atormentavam cruelmente os moribundos com ceremonias religiosas, e cada vez que a terra tremia, todos de joelhos bradavam: — *misericordia* — com a voz mais angustiosa que imaginar se pode.

«O receio de que o meu estado podesse excitar a sua piedade em tal occasião, quando a desordem era completa, e era impossivel prever que soccorro poderia receber um hereje, fazia-me temer a approximação de qualquer pessoa. Accrescente-se a isto que o Caes da Pedra, contiguo a esta praça, tinha-se já afundado, e o menor movimento da agua podia submergir-nos.»

— O sr. Chase foi casualmente transportado para um bote, e d'esta maneira se salvou da arruinada cidade. Elle remata a simples relação de estes successos, expressando a sua gratidão para com Forg «com quem eu tinha apenas ligeiras relações, mas que, similhante a um anjo da guarda, appareceu prompto a acudir-me na ultima extremidade.»

«Passado algum tempo soube que nenhuma parte da nossa casa havia caido, á excepção do eirado, onde eu estava, que ninguem da familia tinha perecido e apenas a governanta e um creado tinham sido maltratados pelo eirado, que sobre elles cahiu, quando fugiam de casa.

«O tecto do andar superior ficara comtudo tão damnificado que elles tinham receio de entrar em qualquer das casas. É opinião geral que todo o prejuiso procedeu de terem sido acompanhados os tres primeiros abalos do terremoto por uma especie de movimento giratorio, similhante ao das vagas do mar, sendo para admirar como as casas resistiram a elle por tanto tempo. Não podia haver occasião e circumstancias mais desgraçadas para este infeliz povo. A cidade era cortada de ruas estreitas, e as casas, de construcção muito forte e assás elevadas, entulhavam todas as passagens quando caiam.» —

Drama tão agitado como este por que passou Chase, por quantos milhares de pessoas seria experimentado com mais ou menos peripecias, com mais ou menos terror ou conformidade? e quantos, depois de soffrerem transeo similhantes, não morreriam de fome no seis das ruinas, apesar das providencias energicas tomadas pelo conde de Oeiras, depois marquez de Pombal?

(Continua) BRITO REBELLO.

[1] Os editores inglezes não tendo lido bem esta palavra escreveram — *Urado*.

Conselheiro Manuel Buarque de Macedo
Ministro de Estado do Brazil — Fallecido em 29 de Agosto de 1881
(Segundo uma photographia de Alberto Henschel & C.ª)

General José Maria de Pina — Fallecido em 24 de Setembro de 1881
(Segundo uma photographia de A. S. Souza)

## AS NOSSAS GRAVURAS

### CAMINHO DE FERRO DIRECTO DE MADRID Á FRONTERIA DE PORTUGAL

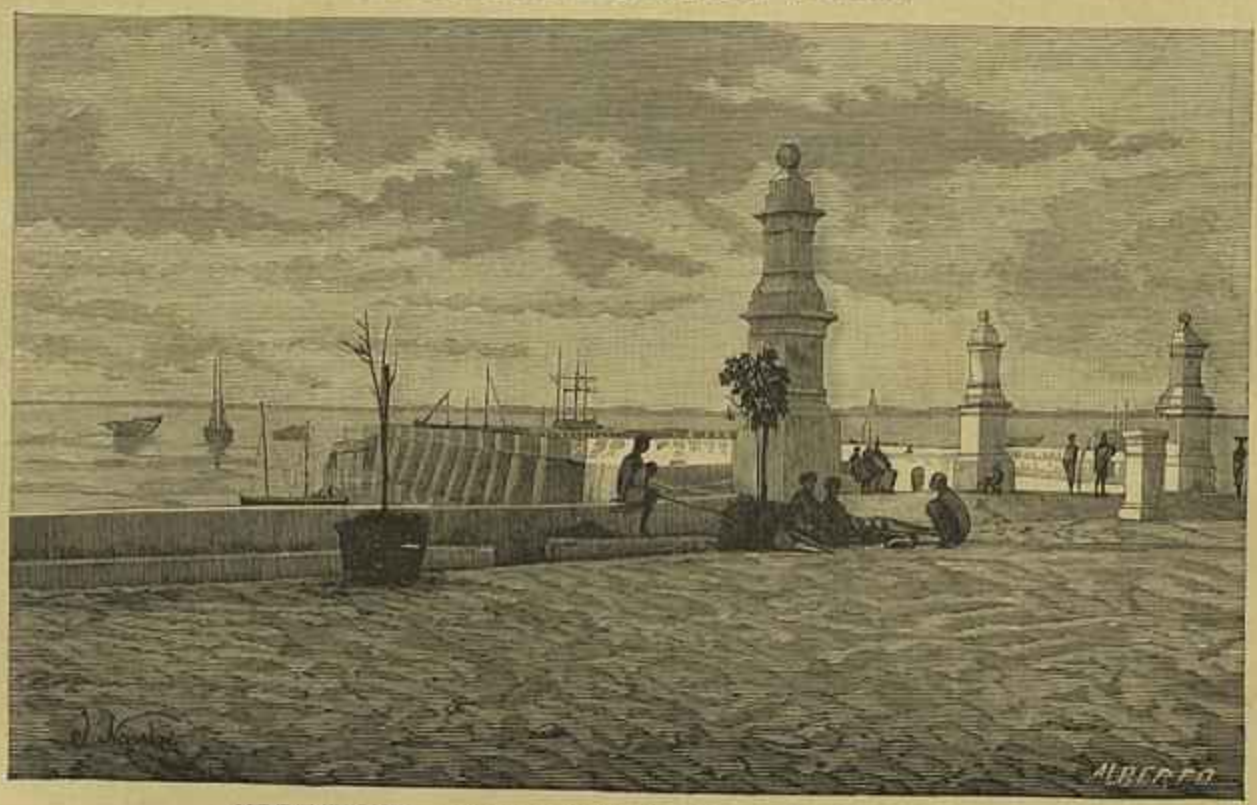
Inauguração da Secção de Caceres a Valencia d'Alcantara

Por occasião da inauguração do caminho de ferro de Ciudad Real a Badajoz, proximo á fronteira portugueza, havia el-rei o sr. D. Luiz convidado o rei de Hespanha a uma entrevista proximo de Elvas, em sitio, onde tantas outras se tem realizado entre os soberanos dos dois Estados, a qual com effeito se verificou a 5 de fevereiro de 1879 (vej. o n.º 29 do nosso 2.º vol.); agora que Affonso XII vinha de novo proximo da fronteira portugueza, inaugurar a secção do caminho de ferro de Caceres a Valencia d'Alcantara, que encurta a distancia entre Madrid e Lisboa, julgou do seu dever cavalheiresco convidar o rei de Portugal a avistar-se com elle em Hespanha, retribuindo assim aquelle primeiro convite.

Foi a 8 de outubro proximo findo que o encontro se verificou em Valencia, onde se trocaram os cumprimentos, as saudações, os regosijos que haviam animado as primeiras vistas, com a differença infelizmente notavel, de que as primeiras tendo estado o tempo mau se realizaram sob uma athmosphera tepida e risonha, que permittiu a ostentação das galas e manifestações populares, e que as segundas tendo até ahi estado o tempo bom, se realizaram sob um ceu carregado e chuvoso, que, se não impediu de todo os regosijos e festejos publicos, os contrariou em parte, fazendo diminuir a graça e prazer d'aquella amigavel aproximação.

Depois do encontro, verificou-se a inauguração d'aquella linha, dando depois Affonso XII um brilhante lunch a D. Luiz I, onde se trocaram os brindes mais sympathicos e affectuosos para os dois soberanos e para os dois paizes.

## AFRICA PORTUGUEZA



MOÇAMBIQUE — Largo da Alfandega e Ponte (Segundo uma photographia)

Um dos extremos da secção da linha ferrea é Caceres, cidade da Extremadura hespanhola, e que a nossa estampa representa. Esta cidade até aqui solitaria e nada ruidosa, no meio da sua provincia, acha-se situada n'um pequeno planalto, sobre uma quebra da cordilheira que borda a margem esquerda do Tejo. Distinguem-se n'ella duas partes, a antiga sobre o cabeço, e a moderna na parte mais baixa do recosto do monte, apresentando á vista um gracioso e ridente panorama.

Segundo alguns historiadores deve a sua fundação a Cecilio Metello, e segundo outros aos carthaginezes; em todo o caso era conhecida antigamente pelo nome de *Castra Cæcilia*, e teve larga importancia durante a dominação romana e em toda a historia da Lusitania até á entrada dos suevos.

Conserva muitos restos da sua grandeza taes como uma estatua de Ceres, algumas lapides votivas e commemorativas, uma Diana no palacio dos antigos Condes de Torre Mayorazgo; varias columnas, mosaicos, restos de antigas muralhas, varias inscripções, etc.

Dos tempos christãos apresenta monumentos importantissimos, como: a igreja de Santa Maria, construcção magnifica do seculo XV; a de S. Matheus, de antiguidade incerta, mas reedificada por 1500, com toda a belleza, graciosidade e elegancia da architectura d'aquelle esplendido periodo; a de S. Thiago, berço da Ordem de cavallaria d'esta

LISBOA — CEMITERIO OCCIDENTAL. (Apontamentos do natural por Casanova)

designação; a de S. João Baptista, fundada no seculo XIV e mais tarde restaurada, e outras.

Caceres pois socegada e tranquilla, e conservando com a maior pureza e permanencia, os usos, costumes, tradicções e viver dos povos estremenhos, vae acordar para a vida moderna, agitar-se, mover-se, alegrar-se e remoçar ao som do apito da locomotiva, e ao acompanhar, com a vista deslumbrada, a sua vertiginosa carreira.

Com este caminho de ferro a distancia entre Madrid e Lisboa encurta-se com relação á linha por Badajoz: tanto melhor, para nós, diz o viajante e commerciante; tanto peor para nós, diria o fallecido marquez de Sá da Bandeira, se por infelicidade tiver-mos algum desaguisado com os nossos visinhos.

Caceres tem para nós uma recordação triste; foi por alli que regressou a Hespanha Filippe II em 1583, depois de ter invadido e sujeitado arteira e tyrannicamente, o prostrado Portugal de então, ao seu dominio pesado, havendo permanecido cerca de dois annos no nosso reino.

Esperamos que o futuro nos não trará tão negras paginas.

---

## O CONSELHEIRO MANUEL BUARQUE DE MACEDO

Quando o director do OCCIDENTE me pedia que lhe enviasse do Brazil alguma noticia de homens ou de coisas, eu nem de longe pensava que, apenas chegado a esta terra, teria de curvar-me sobre um tumulo de ha pouco fechado, para recolher levemente os traços do grande vulto que se encobriu alli. E um brazileiro illustre, homem de sciencia e politico liberal a quem a morte veio surprehender repentinamente, em 29 d'agosto d'este anno, no momento em que, na qualidade de ministro d'agricultura, commercio e obras publicas, assistia á inauguração de uma linha ferrea na cidade de S. João d'El-Rei.

Tendo nascido no 1.º do março de 1837, bastaram a Manuel Buarque de Macedo quarenta e quatro annos de passagem pela terra, para alcançar-lhe um nome que não poderá consumir-se no caixão em que lhe encerraram o cadaver. Matriculado na Escola Central do Rio de Janeiro, recebeu em 1856 o grau de bacharel em mathematica, tendo já obtido por concurso, quando estudante, o logar de repetidor d'aquella sciencia no collegio Pedro II. Concluida a formatura seguiu para Bruxellas, onde completou com distincção o curso de sciencias politicas e sociaes, doutorando-se em 1859.

Buarque de Macedo era natural de Pernambuco. Esta provincia conhecendo quanto elle a amava, acaba de fazer-lhe as exequias solemnissimas que os povos costumam reservar áquelles que, como elle, enalteceram o seu nome na longa pratica das virtudes civicas. Não só, porém, em Pernambuco, se projectou a sombra do cypreste que assignala a sepultura do desditoso homem de Estado; por todas as provincias, por todos os povoados, está pezando aquella perda nacional, e de todas as partes correm lagrimas, que crystallisadas, bastariam a formar-lhe um monumento.

Esta é a gloria que não podem os reis conceder, nem o favoritismo retrahir. Das louras que o mundo dá, possuia Buarque de Macedo as seguintes: As Commendas da Rosa do Brazil, da Legião d'Honra da França, da Conceição de Portugal, de S. Mauricio e de S. Lazaro da Italia. Era conselheiro d'Estado, ministro d'agricultura, commercio e obras publicas, antigo deputado do Imperio, e anteriormente representante na assembléa legislativa provincial de Pernambuco, membro titular do Instituto de Engenheiros Civis de Londres, socio benemerito da Associação Commercial Beneficente de Pernambuco, do Gabinete Portuguez de Leitura, etc., etc.

Em 28 de março de 1880, pela queda do ministerio Sinimbú, e ascensão do gabinete Saraiva, o conselheiro Buarque de Macedo, pela sua extremada cultura e inconcussa probidade, foi convidado a assumir a direcção dos negocios d'agricultura, commercio e obras publicas, começando desde logo a alcançar pelo muito engenho, são criterio e vasta proficiencia, a maior gloria reservada a um homem de Estado: o respeito e a consagração dos proprios adversarios. E assim morreu. Feliz quem pode repousar na morte sem que venham os zangãos perturbar-lhe o somno.

Bicetre, 1881.

S. R.

---

## O GENERAL JOSÉ MARIA DE PINA

No mez de setembro ultimo, perdemos não poucos militares distinctos. Assim no nosso numero do 1.º de outubro, démos noticia dos serviços do general de divisão visconde de Bastos, e hoje vamos occupar-nos de outro general de divisão, que ainda foi dos valentes que arriscou a sua vida na defesa das nossas instituições liberaes, e que prestou valiosissimos serviços ao nosso paiz.

José Maria de Pina, filho de José Justino de Pina, secretario da inspecção geral de artilheria, e de D. Marianna Rosa Barreiros de Pina, nasceu em Elvas, aos 29 de dezembro de 1808.

Assentou praça voluntariamente no regimento de artilheria n.º 1, no dia 6 de novembro de 1825, e frequentando o primeiro anno da Academia de Fortificação, Artilheria e Desenho, em 1826 a 1827, foi mandado recolher ao corpo, pela necessidade que havia de gente para o serviço, em consequencia das occorrencias politicas promovidas pelo marquez de Chaves.

Achando-se no 3.º anno da mesma Academia, ultimo do curso de artilheria, deram-lhe baixa do serviço em 5 de novembro de 1829, por não convir ao serviço do usurpador, isto é, por ser constitucional. Ainda assim, com bastante difficuldade conseguiu fazer exame das materias d'aquelle anno lectivo, ficando habilitado com o curso de artilheria, em julho de 1830.

No principio do anno de 1832, tendo Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, então na ilha Terceira, exigido que o capitão de infanteria Francisco Xavier Antonio Ferreira, um dos agentes em Lisboa do governo da Rainha, lhe desse esclarecimentos sobre o pessoal e material de artilheria que guarnecia as fortalezas maritimas de Portugal, etc; dirigiu-se aquelle agente ao secretario da inspecção geral da artilheria (pae de José Maria de Pina) incumbindo-o de satisfazer aquella exigencia. Tendo fornecido os necessarios esclarecimentos a seu filho, fez este com risco da sua vida, mappas mui circumstanciados de todas as fortificações, desde a foz do Guadiana até á foz do Minho, numero de bocas de fogo de cada uma, seus calibres, projecteis, munições de guerra, quaes aquellas fortificações que tinham fornos para balas vermelhas e quantas cada uma, suas guarnições, brigadas de artilheria montada, que havia no exercito do usurpador, quantas bocas de fogo tinha cada uma, seus calibres, guarnições e nomes dos commandantes; e tem assim a força dos corpos de artilheria.

Estes esclarecimentos, de tanta vantagem para Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, por lhe dar a conhecer onde melhor podia dirigir o desembarque do exercito libertador, o que effectuou a 8 de julho, nas praias do Mindello, valeram para a familia Pina a perseguição do governo do usurpador; pois que a 16 de junho do mesmo anno teve aquella familia a casa cercada de policia armada, foi o seu chefe, José Justino de Pina, preso para o Castello de S. Jorge, onde esteve até 24 de julho de 1833, não o sendo seu filho José Maria de Pina, como queriam, porque conseguiu esconder-se, e assim se conservou até poder embarcar n'um paquete inglez, afim de se reunir ao exercito constitucional no Porto, o que se realisou a 8 de dezembro de 1832, sendo porém despachado 2.º tenente apenas, em 25 de fevereiro de 1833.

Na breve resenha, que vamos fazer, ver-se-ha como este official era considerado na sua arma, e como foi sempre escolhido para as commissões difficeis e espinhosas.

Assim, nos dias 9 e 10 d'abril de 1833, quando se occupou e sustentou a posição do Monte Covêllo, achava-se commandando o Reducto das Medalhas, cuja bateria foi a que teve parte mais activa e importante no fogo que se fez durante aquelles dois dias: por este motivo foi louvado no Boletim official do dia 11.

Em junho de 1833, foi o unico subalterno de artilheria que fez parte da expedição ao Algarve, e commandando a artilheria de montanha até Garvão, e depois a montada que veio de Faro ali reunir-se-lhe, assistiu á batalha da Cova da Piedade e Cacilhas, entrando em Lisboa no dia 24 de julho, na divisão commandada pelo Duque da Terceira. Dois dias depois voltou para Cacilhas com duas peças de artilheria e o batalhão de Caçadores n.º 2, afim de fazer frente á força do general Molleiros.

No dia 18 de fevereiro de 1834, assistiu á batalha da ponte de Santa Maria d'Almoster, commandando uma boca de fogo de campanha, com tal denodo e valentia, que lhe valeu o grau de cavalleiro da Torre e Espada.

No dia 4 de novembro de 1836, querendo a bateria a cavallo do 2.º regimento de artilheria, a que pertencia o tenente Pina, fugir para Lisboa, foi elle mandado tomar o seu commando, e mais tarde tomou o commando do regimento, por se terem retirado para suas casas, ou fugido para Lisboa, todos os officiaes do corpo, que eram mais antigos.

No dia 28 de agosto de 1837, assistiu, sob o commando dos marechaes Duque da Terceira e Marquez de Saldanha, á acção do chão da Feira, onde esteve na linha de atiradores, e onde ganhou o 2.º grau da Ordem da Torre e Espada.

Depois da convenção de Chaves, acompanhou o general Barão de Setubal, para Hespanha, onde se conservou até maio de 1838, quando se dissolveram os depositos de emigrados.

Em 1844, sendo capitão do 3.º regimento de artilharia, foi escolhido para marchar com uma força a fim de pôr cêrco á praça d'Almeida, e conseguiu desmontar a unica peça que havia n'esta praça, concorrendo assim efficazmente para a capitulação, que se effectuou pouco depois.

Em outubro de 1846, quando se organisou o commando em chefe do exercito, foi nomeado adjunto á repartição do ajudante general, e marchando no dia 5 de novembro, para operações, com as forças commandadas pelo Duque de Saldanha, assistiu á acção de Torres Vedras, no dia 22 de dezembro.

Durante os acontecimentos politicos de 1851, exerceu as funcções de chefe de estado maior da 1.ª divisão militar.

Em junho de 1855 foi encarregado do commando das baterias apparelhadas dos tres regimentos reunidos em Belem; voltando mais tarde para o seu logar de chefe de repartição, no commando em chefe do exercito, logar que exerceu com tanta distincção que lhe mereceu a Commenda d'Aviz.

Em agosto de 1864 passou a commandar o novo regimento de artilharia 4, que organisou, instruiu e disciplinou, até que pela nova organisação, no 1.º de janeiro de 1869, passou aquelle regimento a ter o n.º 3, extinguindo-se o d'este numero, o que prova o conceito em que era tido o regimento n.º 4.

Finalmente, achando-se chefe de uma repartição na direcção geral d'artilharia, desgostoso por se vêr prejudicado no seu accesso a general, em consequencia das reducções do quadro do generalato, e da lei que determinou o generalato por armas, reformou-se no 1.º de setembro de 1871, em general de brigada; conseguindo mais tarde a melhoria de reforma em general de divisão.

Foi então estabelecer a residencia em Coimbra a fim de seguir de perto a educação do seu filho unico, e ahi perdeu a companheira de mais de vinte annos, em 1876, e ahi falleceu a 24 de setembro ultimo.

Teve pois o general Pina uma carreira militar de 46 annos de serviço activo, sendo encarregado sempre de commissões importantes, que lhe mereceram repetidos elogios, e sendo sempre de uma rigidez de principios e de uma exactidão no cumprimento dos seus deveres, que o fizeram apontar no exercito como um militar valente, que podia servir de modelo.

## CEMITERIO OCCIDENTAL DE LISBOA

Este cemiterio acha-se estabelecido no sitio onde campeava a antiga ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, e que já em 1599, por occasião da peste, e talvez em outras epocas similhantes, havia servido para o mesmo fim. Em 1832, quando o cholera-morbus dizimava os habitantes da capital, foram creados, pelo governo liberal, dois cemiterios: um na frente d'aquella ermida, e outro junto ao alto do Varejão. Foi então organisada a Commissão de Saude Publica, renovando-se as providencias que a tal respeito tomara o governo de 1820, e haviam ficado suspensas pela restauração do governo absoluto.

Mais tarde quando pelo decreto de 21 de setembro de 1835, foram prohibidos os enterramentos nas egrejas do reino, e creados os cemiterios parochiaes ou municipaes, passaram os dois cemiterios para a posse e administração da Camara Municipal de Lisboa.

Está o cemiterio em sitio sobranceiro, airoso, donde se descobrem panoramas graciosos, dominando um valle extenso e avistando-se do Tejo, durante longo espaço. A Senhora dos Prazeres é objecto de uma romaria annual muito concorrida, nomeadamente pelos fabricantes de seda, devoção que lhes ficaria porventura do primeiro estabelecimento da fabrica na Fonte Santa, alli proxima, em tempo de D. João V.

A area do cemiterio, limitada a principio, tem-se ido accrescentando lentamente, por acquisições successivas, tendo hoje já bastante vastidão.

Dá entrada a este campo mortuario um portico, imitação do estylo egypcio, e penetra-se por uma larga rua bordada de ciprestes, ladeada de tumulos maiores ou menores de differentes estylos architectonicos até á capella, que, apesar de ser ainda de construcção recente, acha-se arruinada e em via de reparação.

O numero das sepulturas privativas compradas até ao fim de 1880 é de duas mil setecentas noventa e uma; algumas apenas cobertas de uma campa ou lousa rasa, outras levantadas em sarcophagos mais ou menos grandiosos, já em fórma de capella, já em simples columnas ou obeliscos, já em conjunctos symbolicos e outras fórmas variadas. A nossa estampa mostra á direita o tumulo do Conde das Antas, o valente Xavier, commandante de caçadores n.º 5 durante a campanha liberal, formado de uma robusta base prismatica e singelamente ornamentada, sobremontada por tres plintos em degraus, sobre os quaes se levanta a estatua do bravo general. Este tumulo foi erguido mediante uma subscripção publica.

No fundo e a meio da gravura ergue-se a capella tumular da familia dos duques de Palmella, formada em uma vasta piramide, a que serve de remate a estatua da religião, obra do talentoso e malogrado professor de esculptura Francisco de Paula Cerqueira. Esta capella levanta-se sobre a vasta crypta ou carneiro, onde podem guardar-se grande numero de cadaveres.

Alguns specimens de outros jazigos enchem os restantes espaços.

Por em quanto não se póde saber com exactidão a quantidade de enterramentos feitos nos cemiterios da cidade anteriormente a 1849, com quanto se tenham publicado algumas estatisticas, que, d'essa parte, não podem ter valor algum; esperamos porém, que dentro de algum tempo, se possa chegar a esse conhecimento, quando houver terminado os trabalhos a que, sobre este assumpto, tem procedido com summa diligencia o digno archivista da camara municipal de Lisboa o sr. Eduardo Pedro de Oliveira, a quem agradecemos os esclarecimentos que por esta e outras occasiões se tem dignado facultar-nos.

Não deixaremos porém de referir que durante o anno de 1849, primeiro de que ha estatistica exacta, o numero de cadaveres sepultados n'aquelle cemiterio foi de 3:304 sendo no anno passado, 1880, de 2:815. Deve-se porém advertir que desde 1852, data da creação do concelho de Belem, deixaram de ser sepultados n'aquelle cemiterio os habitantes do novo concelho, e para as estatisticas da mortalidade em Lisboa não deve esquecer de incluir até aquella data os enterramentos feitos no cemiterio de Ajuda, instituido por D. Maria I, para os moradores da casa real, mas que depois se tornou publico.

Por ultimo apenas diremos que o numero das inhumações no cemiterio oriental ou do alto de S. João é sempre muito mais consideravel, que o das que se verificam no Ocidental ou dos Prazeres; o que tem facil explicação, por isso que se acham situados no districto d'aquelle a casa da Misericordia e os hospitaes de S. José, S. Lazaro, Desterro, D. Estephania e da Marinha, e são ainda alli sepultados parte dos fallecidos do concelho dos Olivaes.

---

## EGREJA MATRIZ DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

Já a pag. 148 do presente volume, tivemos occasião de fallar da villa de Oliveira de Azemeis, uma das mais ricas e importantes do districto administrativo de Aveiro, quando reproduzimos em gravura o edificio dos Paços do Concelho d'essa villa: hoje damos o frontespicio da sua igreja matriz.

Como se sabe, Oliveira de Azemeis, com quanto povoação antiga, é villa muito moderna, o que é devido ao seu importante desenvolvimento, sendo hoje uma povoação rica. Já desde 1703, sollicitavam os seus moradores, de D. Pedro II, o foral de villa, que não conseguiram, por causa da opposição da villa da Feira, a cuja jurisdicção pertencia.

A sua posição n'um pequeno plano elevado, que declina sobre dois rios, o Ul ao poente e o de Vilar ao nascente, o seu assento n'um ponto importante da estrada de Coimbra ao Porto, communicando por outras estradas lateraes com o valle de Cambra, Arouca, Feira, Ovar, etc., junto á importantissima praça, que é quasi uma feira diaria, dá-lhe toda a facilidade para progredir, do que os seus habitantes se não descuidam.

Quasi a meio da povoação e sitio mais elevado d'ella, onde chamam o Padrão, ergue-se a igreja parochial sob a invocação de S. Miguel.

E' ponto controverso se alli foi sempre a egreja matriz; ha, porem, proximo da villa uma aldeia de S. Miguel, onde alguns auctores suppõem ter existido o primitivo templo.

Seja como fôr, o certo é que a actual egreja data apenas de 1719, anno em que, por se achar em muito mau estado a antiga, se começou a construcção da nova, a qual terminou em 1726, o que nos é assegurado por uma noticia do doutor Manuel de Oliveira Ferreira, reitor d'aquella freguezia pelos segundo e terceiro quartel do seculo passado e corroborado pelos livros das Visitações, de que o sr. commendador Leite Rebello, alguns annos presidente da Camara da mesma villa, transcreveu extractos nos *Annaes do Municipio*.

A fachada do edificio é de architectura pouco notavel, sem caracter algum de grandeza e elegancia, o que é commum a quasi todas as nossas egrejas do seculo XVII em diante. Sobre a porta ha uma esculptura regular, representando S. Miguel em acção de cravar com a lança o inimigo das almas, prostrado e calcado a seus pés.

Duas torres ladeam esta fachada, mais por ornato que por necessidade, pois só uma d'ellas tem sinos; não podendo nós dizer se dos tres que alli existem, são ainda dois os que em 1744 foram benzidos pelo referido reitor.

Entrando-se o templo é este de regular grandeza, de uma só nave e alumiada por dezoito janellas. A capella-mor tem a sua tribuna de talha dourada, ladeada de varias imagens, taes como o orago S. Miguel com o dragão a seus pés, S. Pedro, etc. Ha mais varios altares lateraes e no corpo da egreja.

Esta fica cercada por um adro espaçoso, e pela parte posterior a pequena distancia, demora o cemiterio da villa, de construcção moderna, mas muito regular e bem arborisado.

Sobe-se da rua para o adro por uma escadaria de tres patins, na qual se levanta uma cruz, em cuja base se lê uma inscripção, d'onde consta ter sido mandada alli collocar pelo bacharel Pedro Soares dos Reis, em 1707, não esquecendo que as cruzes da *Via sacra* foram mandadas levantar pelo veneravel Fr. Antonio das Chagas.

Em torno do adro havia varias arvores, e antigamente (e não sabemos se ainda hoje) duas velhas oliveiras, symbolo da freguezia.

Ao lado esquerdo da egreja, vê-se a casa da residencia parochial, com accommodações sufficientes. N'esta viveu e se tornou notavel o reitor acima mencionado, por ter ajuntado na salla principal d'ella uma selecta e copiosa livraria, muito considerada pelos entendedores, onde havia só de obras consideradas raras mais de tres mil volumes, a qual em 1758 era por elle avaliada em mais de 6:000 cruzados, e quando se recolheu á clausura, deixando a reitoria, valia, segundo diz Agostinho Rebello, na *Descripção do Porto*, d'onde o padre era natural, 20:000 cruzados, o que será talvez exaggerado. A livraria deve estar incorporada na da Academia Real das Sciencias de Lisboa, porque á sua Ordem a legou o reitor resignatario, quando falleceu no convento de Nossa Senhora de Jesus, onde se recolhera.

A freguezia foi abbadia até 1520, em que foi reduzida a reitoria e commenda da ordem de Christo, por bulla de Leão X.

O parocho era reitor por concurso, excepto quatro mezes de reserva que tinha a abbadessa do convento da Ave Maria do Porto; subia a sua congrua a 200$000 réis, afóra 700$000 que produziam os dizimos.

O parocho apresentava dois curas amoviveis: um na matriz, e outro na freguezia annexa de S. Tiago de Riba d'Ul, hoje independente.

Por occasião do terremoto do 1.º de novembro de 1755, apenas a egreja abriu algumas pequenas fendas, e cahiram os remates de algumas pyramides.

Pelos annos de 1851, procedeu-se na egreja e residencia parochial, por ordem do governo, a grandes reparos, de que muito estava carecida, obtidos os necessarios meios pelas instancias do digno par do reino, o sr. José da Costa Sousa Pinto Basto, natural da villa.

Reformou-se uma das torres; lageou-se a capella-mór de xadrez, asobradou-se o corpo da egreja, estucaram-se as paredes e tectos, concertou-se o telhado, fez-se uma grade de balaustrada para o arco cruzeiro, foi reformado o coro, dourada a tribuna do altar-mór e seus accessorios, e fizeram-se outros concertos, sendo injusto e inexacto o commendador Leite Rebello, quando nos referidos *Annaes* diz: «e a mais chegaria aquella avultada quantia... se melhor administrada fosse,» porque se fizeram mais obras do que as pedidas e orçadas, e se empregaram n'aquelles reparos toda a deligencia e cuidado, especialmente na torre, que muitos julgavam cahiria.

Devemos o desenho da fachada e alguns apontamentos á esclarecida solicitude do sr. Silva Praça, d'aquella Villa, a que já nos referimos no artigo acima citado.

## LARGO DA ALFANDEGA E PONTE DE MOÇAMBIQUE

A casa da alfandega de Moçambique, que está situada perto do palacio do governo, e sobre o porto, fazendo frente para os largos da Alfandega e de S. Paulo, foi em 1720 mandada edificar por el-rei D. João V, durante o governo de D. Francisco de Alarcão Sottomayor. Em 1753, governando já Francisco de Mello e Castro, foi ella reedificada, mandando-se egualmente construir um caes com seu alpendre e guindaste. No fim do seculo passado foi ainda a alfandega reconstruida, da fórma porque hoje a vemos exteriormente, e como se deprehende da seguinte inscripção, que está sobre a porta que olha a norte:

REINANDO A AUGUSTA RAINHA D. MARIA I FOI EDIFICADA ESTA ALFANDEGA NO MESMO LUGAR DA ANTIGA SENDO GOV.OR E CAP.AM GENERAL D'ESTE ESTADO ANTONIO MANOEL DE MELLO E CASTRO QUE A CONSUMOU NO ANNO DE 1791.

Esta reedificação custou 60:000 cruzados, merecendo então esta repartição, depois de concluida, que o excellente governador Mello e Castro a dotasse com novos regulamentos e pautas, subindo já em 1789 a 149 contos de réis o seu rendimento.

A alfandega consta de um vasto quadrilatero de fortissima alvenaria, de um só andar, ao rez do chão, e de apparencia nobre, posto que simples. Tem espaçosos armazens, com muito pé direito, mas que já ás vezes são acanhados para o avultado movimento commercial que os abarrota.

De 1877 a 79, executou a direcção das obras publicas no edificio da alfandega importantes accrescentamentos, conquistando-se ao espaço invadido pelas marés, o necessario para a construcção de dois grandes barracões para armazenagem; construiu-se egualmente em frente d'elles uma rampa caes para o desembarque das mercadorias. Esta nova disposição, que facilita consideravelmente o serviço fiscal em geral, e a nova installação que se deu ás repartições, custaram perto de 25 contos.

A ponte caes que sae do largo, em frente do palacio, ou entre este e a alfandega, consta de duas partes: uma, macissa, de alvenaria pesadissima, guarnecida de assentos, e apenas com um arco pela sua parte inferior, e construida logo no começo d'este seculo, já sobre as ruinas de outro caes, no tempo do governo de Izidro d'Almeida de Sousa e Sá; outra mais leve, constando de um taboleiro de madeira de mucrusse, assente sobre 11 pégões colossaes de alvenaria, dispostos equidistantemente n'uma extensão de muitos metros.

Nos dois extremos semicirculares de cada pégão, ha assentos de alvenaria, que são todas as tardes concorridissimos pelos habitantes, em busca da frescura da viração ao pôr do sol. N'essas deliciosissimas tardes tropicaes, que só não pode apreciar quem nunca as gosou, encontram-se na ponte, passeiando e conversando, desde o governador geral da provincia até ao mais modesto alferes, e alli se formam grupos onde a conversação scintilla por vezes, animadissima.

Liga-se a ponte ao largo do palacio por meio de uma meia laranja semicircular, de pedra, ampla bastante, e egualmente com assentos. Nos angulos de concordancia d'estas curvas com os lados da ponte, e com as faces da praça, levantam-se quatro altos pilares ornamentados e sobrepojados por espheras. Nos dois mais avançados, veem-se as armas portuguezas, do lado do Norte, e as de Moçambique do lado opposto, representadas por duas das settas de S. Sebastião, cruzadas em aspa. E' tambem n'um d'esses pilares que se lê o nome do capitão general Izidro d'Almeida de Sousa e Sá, e a data de 1801.

No fim da ponte a um e outro lado, ha as escadas que servem de caes para atracarem as embarcações, e na testa d'elle, assente sobre um ultimo pégão, está um guindaste de ferro.

Entre os dois ultimos pégões construiu-se uma commoda casa de banhos do mar, encerrando o espaço aberto com uma gradaria de madeira. Alli encontram os banhistas tres pequenos quartos para se despirem e vestirem, e em baixo um amplo espaço, aberto e commum a todos, onde se banham. Desce-se do pavimento da ponte para esta casa, por uma escotilha ou alçapão, que ha a um lado do taboleiro da ponte.

A ponte de Moçambique não serve de muito presentemente, pois que não é accessivel em todas as occasiões de maré, por espraiar esta muito alem do ultimo pégão, nas conjuncções de lua.

Accrescental-a com mais alguns pégões de construcção mais ligeira, levando-a até ao peirau, e tornando-a sempre accessivel, para preparar as cousas no sentido de facilitar, quanto possivel, as communicações da ilha com o continente, foi o que a direcção ultima de obras publicas projectou, mas não conseguiu realisar por falta de tempo e de meios. Feito isso, e concluida do outro lado a já começada e extensa ponte caes do Murangul, que entesta com a nova estrada do Mussuril e da Ampapa, que conta já 11 kilometros, e que deve ser prolongada até ao populoso sertão da Macuana, ter-se-ha dado um grande passo no sentido de promover o desenvolvimento do commercio e da agricultura d'aquelles feracissimos e ainda fechados paizes.

AUGUSTO DE CASTILHO.

## PROGRESSO DA TELEGRAPHIA

O primeiro telegrapho electrico foi construido em 1844; fazia communicar Washington com Baltimore e tinha um comprimento total de 64 kilometros.

Ora, de 1844 até hoje, isto é durante um periodo de trinta e sete annos, tomou a telegraphia um desinvolvimento prodigioso. Com effeito, actualmente estima-se a extensão dos fios telegraphicos em exercicio n'um billião e novecentos milhões de metros, ou 475,000 leguas metricas. Ligados, pois, uns aos outros, formando um todo, estes fios abraçariam quarenta e seis vezes a circumferencia do globo terrestre.

O desinvolvimento da telegraphia varia muito nos differentes paizes da Europa. Para apreciar o logar que estes paizes occupam com relação á sua rede electrica, póde-se calcular qual é o comprimento do fio empregado por kilometro quadrado de territorio; d'este modo, obtem-se um resultado racional.

Ora sob este ponto de vista, a Belgica está no primeiro plano com 800 kilometros de fio por kilometro quadrado do territorio. Em segundo logar, a Inglaterra com 563 kilometros; logo, a Allemanha com 441 kilometros, os Paizes Baixos com 405, a Suissa com 390; e, emfim, a França com 341 kilometros de fios telegraphicos por kilometro quadrado de superficie. A Austria, a Italia, a Dinamarca, figuram depois.

Os Estados Unidos, apesar dos seus 375,000 kilometros de fios, e a Russia occupam um logar inferior n'esta classificação; mas isso é devido á enorme extensão do seu territorio.

A Suissa é o paiz onde as estações se acham mais perto umas das outras; conta-se por estação 10 kilometros de fio e 5 de linha, ou, o que é o mesmo, uma estação por legua. Na Allemanha ha uma estação por 7 kilometros de linha. Depois vem a Belgica, os Paizes Baixos, a Grã-Bretanha e a França, que conta por cada 10 kilometros de linha uma estação.

Se calcularmos qual é o numero de despachos expedidos por 1:000 habitantes nos differentes paizes, veremos, com espanto, que é a Nova Zelandia a primeira n'esta classificação, com 2:394 despachos annuaes por 1:000 habitantes. Depois acharemos outra colonia ingleza, a Victoria, mas isso provém da pouca densidade da sua população. Na Europa, as que estão em primeiro logar, são a Suissa, a Grã-Bretanha, a Belgica e a França, cujo numero de despachos se eleva a 987 por 1,000 habitantes.

O numero de empregados da telegraphia em França eleva-se a 7:500.

Tem-se calculado, que a cada diminuição na taxa dos despachos, o augmento do numero d'estes corresponde proporcionalmente ao quadrado da diminuição.

O preço dos despachos em França é mais elevado que em muitos outros paizes da Europa. Não obstante, este modo de transmissão cada vez mais se generalisa nos campos, e todos os annos augmenta o numero de telegrammas expedidos.

## A EDIÇÃO DOS LUZIADAS DE EMILIO BIEL

Entre todas as publicações feitas para celebrar o Centenario de Camões, occupa o primeiro logar esta esplendida edição do immortal poema, synthese e pregão das glorias de Portugal.

Nada se poupou para a tornar digna da obra que reproduzia, e da commemoração que celebrava.

Dividida em tres classes, a primeira de pergaminho, de que se tiraram 12 exemplares, a segunda de papel superior, numerado com 100 exemplares, a terceira é em papel velino commum, ainda assim bella e magnifica.

A edição pode ser encarada principalmente sob tres pontos de vista: typographicamente, litterariamente e artisticamente.

Typographicamente é ella um primor. O typo, a certeza e egualdade da composição, a correcção, a nitidez da impressão, dão á edição o caracter de uma perfeição monumental.

Litterariamente temos a considerar a introducção, de José Gomes Monteiro, trabalho de historia e critica bibliographica do poema. O estudo é claro e methodico. Abre porem logo por um erro notavel, e custa a crêr que um homem tão erudito, como José Gomes Monteiro, desconhecesse tanto o tempo de Camões, para asseverar com desassombro ser a tença de 15$000 reis, irrisoria, e que mal chegaria para sustentar o poeta e sua mãe durante um mez! A tença não era extraordinaria, mas era maior do que a que obtinham muitos capitães e soldados valentes da Africa e da Asia, depois de grandes serviços; e se não era condigna do valor do poema, como hoje o consideramos, é assim mesmo superior, na sua significação, ao preço que pelo seu poema obteve *o britanno cego vate*; o que dizemos da tença póde applicar-se ao preço do poema calculado pelo illustre critico.

Pela mesma occasião o sr. Camillo Castello Branco, em um pequeno estudo que precede uma edição do *Camões*, de Garrett, fazia comparações notaveis para avaliar a importancia real d'aquella pensão.

Segue-se como additamento um estudo, *Camões e os Luziadas*.

Este encargo tinha sido commettido a Alexandre Herculano, e depois a José Gomes Monteiro, de que a implacavel morte os desonerou infelizmente, um apoz o outro. Ainda mal! Mas como todos os males tem a sua compensação, coube o prehencher essa falta ao sr. Mendes Leal.

Não podia ser mais bem escolhido o homem de lettras, nem mais bem tratado o assumpto. Espirito lucido sem preoccupações de escola e systema, poeta e erudito, sentindo no peito o calor que accende o engenho, e abraçando com a intelligencia vasta e illustrada um longo complexo de idéas, percebeu com uma vista de aguia, que para avaliar Camões era preciso ir penetrar o meio em que elle viveu, não como critico mordaz para escalpellar vicios e invectivar defeitos, mas como critico sagaz para prescrutar as idéas, os pensamentos, as doutrinas, as theorias, as leis, os usos, os costumes, e os sentimentos que dominavam os tempos em que o poeta nasceu, cresceu e se formou, enfeixal-os, concatenal-os e avalial-os, deduzindo d'ahi o que influiu no seu espirito, para produzir as grandes bellezas e os pretendidos defeitos que lhe têem sido acoimados. A influencia do renascimento das lettras da antiguidade, fazem-n'o assimilar as

## ENIGMA

Explicação do inigma do numero antecedente:

Furtar gallinha, apregoar rodilha

concepções dos grandes modellos, e dão-lhe as notas que lhe servem de meio, de ornato e não de fim; a crença viva religiosa, fal-o lastimar a divisão das seitas do christianismo, olhando-a como um erro e fraqueza, perante a potencia invasora do islamismo; a vida cortezã misturada com os combates das fronteiras africanas, dão-lhe aquella galhardia guerreira cujas notas não se confundem com as de nenhum outro poema; a philosophia da historia inspira-lhe as reflexões do velho nas praias do Rastello, e muitos outros trechos não menos profundos; em fim, a sciencia do seu tempo, e os novos mysterios dos mares e terras descobertas, dão-lhe a pujança das descripções e grandeza das creações immortaes. De todo este conjuncto, sae perfeitamente consentanea e congruente a grande figura do crente, do philosopho, do guerreiro, do erudito, do poeta. Podem notar-se no estudo do illustre poeta uma ou outra expressão menos exacta, como quando por exemplo, nos fala *das divisões dos monios*; e ainda por ventura alguns equivocos quando toca na historia da typographia entre nós, e na successão das publicações litterarias, mas isso provem de não estarem ainda perfeitamente elucidados estes assumptos, e assentes entre nós. Aparte estes pequenos senões, tanto o estudo *Camões e os Lusiadas*, como o poemeto *A Visão*, que se lhe segue, parecem-nos ser o que melhor se escreveu por esse tempo a respeito do nosso épico, o que mais em harmonia está com o tempo e vida de Camões, e o que mais digno é da sua grande personalidade.

Na parte artistica, cada canto é precedido de uma linda e magnifica portada em chromo-typographia, imitação do antigo, e de uma belleza grandiosa.

As estampas gravadas que adornam os Cantos do poema, algumas são extrahidas da antiga edição do morgado de Matheus, reproduzidas em phototypia pelo proprio sr. Biel, bellas para o seu tempo, mas que não podem resistir ao exame da critica moderna.

As restantes, todas encommendadas a artistas allemães de grande merito, abundam nos mesmos defeitos. O sentir, o pensar, o viver dos portuguezes d'aquelle tempo, em summa, as scenas que se descrevem no poema, não podem ser muito bem comprehendidas por artistas do norte, que, embora possuindo grande talento e sciencia, se teem conservado um tanto fieis ás tradicções e meios classicos, improprios do tempo de hoje e da maneira moderna de ver e tratar os assumptos. Se se tivessem procurado de preferencia artistas italianos, hespanhoes, portuguezes ou mesmo francezes, a parte illustrada teria de certo outro cunho, outro caracter, introduzindo-se n'ella dados mais exactos com relação aos usos e costumes, que hoje em vista dos conhecimentos iconographicos e archeologicos, formam a base de toda a interpretação artistica, e são de uma necessidade e importancia indiscutivel em tudo o que é producto da arte.

Faz pena pois ver tantos esforços, tamanho cabedal, tão boa vontade, não terem sido acompanhados pelo alto criterio e senso artistico de que tantos modellos nos offerece a arte moderna nas illustrações das grandes edições do *Paraizo Perdido*, do *Dante*, do *D. Quichote*, dos *Echos das Montanhas*, etc.

Embora porem o desempenho artistico, ainda que bom, seja inferior ao que era de esperar, para corresponder ao desempenho litterario e typographico, a edição do sr. Biel é um monumento, o seu editor bem merece das lettras e da memoria de Camões, vinculando a ella o seu nome a par do do morgado de Matheus, e o seu commettimento é o mais importante do centenario, como acima dissemos.

OLIVEIRA DE AZEMEIS — EGREJA MATRIZ (Segundo um desenho do natural, por J. J. S. Praça)

**Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.**

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6


# ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

**PARA 1882**

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Já está á venda este almanach, **completa novidade.**

O **Almanach Illustrado do Occidente** é um elegante livro de 80 paginas em grande formato e magnifico papel assetinado, adornado de mais de 50 gravuras de monumentos de Portugal, paisagens do paiz, quadros e esculpturas de artistas portuguezes, vistas de Africa e raças africanas estudadas pelos exploradores portuguezes Capello e Ivens, com os retratos dos referidos exploradores, retratos dos escriptores Oliveira Martins e Eça de Queiroz, secção de necrologia com os retratos de Duque d'Avila e de Bolama, Barão de Japurá, Marquez de Fronteira, Sá Noronha, Guilherme Cossoul e Osorio de Vasconcellos.

Este almanach além de uma desenvolvida parte litteraria, contém kalendario completo e illustrado, tabellas dos carris de ferro de Lisboa, dos caminhos de ferro portuguezes, preços de assignaturas de jornaes que se publicam em Portugal, lei do sello, correios e telegraphos, floricultura e horticultura e annuncios illustrados de estabelecimentos importantes.

Uma secção de charadas e um enigma pittoresco com premio para quem o advinhar.

**Um elegante frontespicio original de M. da Macedo e uma explendida capa em chromo-lithographia, original de A. Ramalho, representando uma festa infantil.**

**Preço 240 réis**

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á EMPREZA DO OCCIDENTE, rua do Loreto, 43, Lisboa, onde se devem dirigir todos os pedidos.